S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 25 de janeiro de 1913 — ANO XII — N. 175

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE. . . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

O NOSSO ANTICLERICALISMO

O nosso não é o anticlericalismo que, com algumas medidas anódinas e inofensivas contra o «poder eclesiastico», procura, não favorecer a liberdade e o povo, mas fortalecer outro poder, outro privilegio, prolongando-lhe a vida e salvando-o das ameaças da revolução. Esse anticlericalismo, que repudiamos com asco, é instrumento de governo e de opressão, é o ultimo refugio dos regimens na agonia.

Nada tem de comum com o nosso anticlericalismo integral *— contra a Igreja, como poder político, economico e religioso como força material e espiritual, como sustentaculo de tiranos e apoio de privilegios, como estorvo á emancipação social, e contra a religião que lhe serve de pretexto teórico. Nós não queremos consolidar privilégio algum, defender a «supremacia» de poder algum. Somos por todas as liberdades contra todas as opressões.*

Quem nos ajuda?

A ninguem é permitido negar o imenso perigo que corre a causa do livre pensamento actualmente no Brazil.

Pouco a pouco a acção daqueles que trabalham na sombra vai-se fazendo cada vez mais sentir, e quando se votam ás pressas leis contra nós outros, isto nada mais significa do que o trabalho de uma certa classe de individuos em querer que o povo permaneça no mesmo estado de embrutecimento e de indiferença pelas coisas que lhe dizem respeito.

Hoje é a lei de expulsão, amanhã a lei de imprensa, depois outra e mais outra ainda, até que, senhores do campo, estiver terminada a obra.

O povo desconhece, porém eles têm presente sempre á memoria o que pensava Voltaire a respeito da materia, não obstante ser o autor do *Candido* um dos homens mais detestados por eles: «Parece-me essencial que haja pobres e ignorantes... Quando a população se põe a raciocinar está tudo perdido.»

Ora, hoje a *populaça* parece mesmo querer dar-se ao trabalho de examinar um pouco mais de perto a sua situação, conhecer, indagar das causas deste fenomeno singular que a impedem de nutrir-se quando tem fome, de descançar e tratar-se convenientemente quando está fatigada ou doente, de dormir quando é preciso refazer as forças, de ter emfim o direito de viver como qualquer mortal.

E, como sabe tambem que, sem união, nada poderá fazer de positivo contra as forças que lhe são contrarias, oponentes, vai pouco a pouco, aqui e ali, formando os seus nucleos de resistencia que tanto mêdo despertam nos arraiais inimigos: ligas, sindicatos, federações, confederações, com os seus respectivos órgãos de imprensa.

E' precisamente nestes órgãos que labutam tirando ao descanço algumas horas para empregal-as na defesa comum, aqueles que eles chamam os cabeças (*les meneurs*), pela unica razão de poderem coordenar alguns pensamentos e lançal-os sobre o papel, coisas que, aliás, todos pouco mais ou menos trazem no cerebro.

E' tambem de preferencia sobre estes que dirigem todo o fogo de suas baterias.

O combate é dos mais desiguais, porque por demais escassos são os recursos de que dispomos, e se ainda conseguimos sustentar as nossas posições, é á força de abnegação e esforços quasi sobrehumanos.

Entretanto, é necessario, é imprescindivel no actual momento redobrar de esforços, agora que a luta se vai tornando mais renhida, em que toda a reacção dos elementos retrogrados nos ameaça esmagar, elementos estes que já se assenhorearam da democracia a ponto de reduzirem, colocarem esta caricatura de republica em nivel muito inferior ao regimen passado.

Manter um orgam diario como a *Lanterna*, embora, no caso, a minha opinião seja suspeita, julgo ser o dever de todos aqueles que sabem medir a situação em que nos vamos encontrar, se cruzarmos os braços, em criminosa indiferença, diante do perigo que a todos ameaça.

Lembremo-nos das palavras de Lamennais: «Queixas-te de que não podes cultivar o teu espirito, desenvolver a tua inteligencia; e os teus dominadores dizem: Está bem! é preciso que o povo esteja embrutecido para ser governavel.»

Multipliquemos os nossos centros instructivos, os nossos jornais; libertemo-nos da ignorancia que nos escraviza e deprime.

Na noite escura que nos envolve, é preciso manter sempre acesas as nossas lanternas.

Quem nos quer ajudar?

Adrecal.

Rio, 20 — 1 — 913.

S. S. G.

O TERROR NO CAMPO CLERICAL

O diario das sacristias lança o brado de alarme contra a sociedade secreta anticlerical — A's armas, sacristãos!...

Para os nossos leitores a S. S. G. já não é uma instituição desconhecida. A *Lanterna* tem publicado diversos artigos de afiliados seus subscritos com o numero ganganelico dos seus autores e tambem varias comunicações do seu Conselho Central.

Onde está estabelecida a sua séde? Quais são os seus iniciadores? Ninguem o sabe.

Entretanto, o que nós sabemos é que a S. S. G. (Sociedade Secreta Ganganeli) já tem grupos espalhados por todos os Estados a agirem com grande proveito para a propaganda.

Boletins e folhetos têm aparecido a combater o clericalismo nefasto, sem que se consiga saber de onde eles vieram e quem os editou.

De varios pontos do Brasil temos recebido cartas de ganganelis e o seu Conselho escreve-nos sempre de pontos diversos.

E' a obra secreta de elementos anticlericais em guerra com as conjuras das sacristias e dos conventos.

A padralhada é que já não está se sentindo em bons lençóis. As tres letras fatídicas — S. S. G. já lhe vai tirando o sono.

E' o que nos demonstra a *Gazua do Polvo*, isto é, a *Gazeta do Povo*, o diario da fradalhada, que lançou o seu brado de alarme com a seguinte nota:

«Graças á facilidade pacovia com que acoutamos entre nós todos os agitadores e perturbadores, que se lembram de vir procurar no Brasil um refugio que a Europa civilizada lhes nega, temos em S. Paulo, segundo revelações dum ilustre deputado, nada menos de vinte e sete nucleos anarquistas.

Não somos o unico Estado a sofrer deste cancro. O Rio Grande do Sul, se ainda não tem adeptos organizados dos principios de Bakunine, já possue o luxo duma *venda* carbonaria, importada manifestamente de Portugal, — tão semelhante é a sua organização e os seus fins. E' legitimo supor que ela seja obra dos carbonarios com que a republiqueta lusa ha mezes assolou o Brasil, na ilusão de estender aqui uma influencia identica á que já está exercendo em Espanha, onde as *vendas* de Lisboa estão prodigiosamente ramificadas.

Dos fins da carbonaria riograndense se dá ideia a seguinte circular secreta, para a qual chamamos a atenção dos catolicos, — sobretudo dos que imaginam credulamente que *não tem inimigos* e que tudo navega... em maré de rosas:

S. S. G.

«Estas tres iniciais representam o titulo de uma associação secreta anticlerical, que desde algum tempo vem preparando o campo para a luta contra o PERIGO NEGRO.

Seus fins são nobilissimos e sua organização poderosa, visto a impossibilidade em que se acham os associados de, num momento de perigo, cairem na fraqueza de acusar seus consocios, pois não se conhecem uns aos outros.

E' uma especie de carbonaria, constituida por grupos de dez, obedecendo a um chefe que lhes dá ordens por escritos e ele por sua vez as recebe da mesma forma, do comité central, que é o chefe supremo.

Essas ordens não exorbitam jamais da dignidade de um homem a outro e apenas visam a harmonia da propaganda e a coerencia dos principios.

Combater por todos os meios e modos o clero, sem escandalos e violencias, fazendo publico todos os seus erros, vicios e crimes; estorvar as relações das familias, principalmente das mulheres e crianças com os padres; não contribuir de modo algum para a subsistencia da igreja, recusando-se a ajudar as festas, a fazer batizados ou casamentos, etc. etc.

Eis os belos e uteis fins da S. S. G., associação a que devem proteger e aderir todos os amigos da liberdade e da razão.

GANGANELI 31.»

Talvez haja quem se ria disto... Talvez.

Em Portugal, os catolicos, quando estas coisas apareciam, tambem sorriam com desdem. E hoje, os que não morreram envenenados nas prisões, ou apunhalados pelos carbonarios, contemplam, através das grades do carcere, as ruinas da religião, os resultados da sua indiferença no passado, da sua deploravel incuria, do seu desleixo.»

Pobres ratazanas de sacristias, como já estão cheias de pavor...

Oxalá a S. S. G. corresponda realmente ás necessidades da propaganda, agindo sem meias medidas, rompendo com as conveniencias embaraçadoras para que a canalha de batina seja enfrentada com vantagem e esmagada o mais depressa possivel.

E' preciso combater esses bandidos, encurralados não em 27 nucleos, como eles afirmam, para impressionar os basbaques estarem reunidos os anarquistas, mas em centenares de imundas associações, colegios e orfanatos espalhados por todo o Brasil com os quais exploram, estupram e assassinam as crianças do povo.

Urge dar batalha sem treguas contra o elemento que constitue uma barreira ao progresso das ideias de emancipação, e nessa luta muito poderá fazer a S. S. G.

Uma certa classe de ambiciosos de fortuna, de renome ou de consideração vive a inventar religiões, e outra classe de imbecis, de cobardes ou de ignorantes vive a aceita-las — imbecis porque não atinam com a charlatanice daqueles, cobardes porque teem medo ao aniquilamento e querem a imortalidade, ignorantes porque são cheios de superstições e não sabem analizar os factos de animo frio. — **G. R.**

Ex ore parvolorum veritas



— Certamente, meu menino, Deus fez o homem á sua imagem e semelhança.

— Mas nesse caso os padres não são homens, porque então como ele deve ser horroroso!...

Hostias amargas

Londres, 11 — A Aliança Protestante dirigiu uma suplica ao rei Afonso XIII no sentido de ser perdoado um marinheiro protestante espanhol, condenado a seis mezes de prisão, por se ter recusado, ha tempos, a ajoelhar perante o Santissimo Sacramento.

Quem ainda tiver duvidas sobre as *excelencias* dos governos fanatizados, sobre as *vantagens*, que para a sociedade resultam do poderio da casta sacerdotal, lance o olhar para o que vai-se passando actualmente na Espanha.

Um pobre soldado, pela simples razão de haver recusado dobrar os joelhos perante uma rodela de pão ázimo, é condenado a seis mezes de prisão.

Não ha estranhar. Afinal de contas, trata-se do mesmo governo que fez com que fôsse fuzilado o fundador da Escola Moderna, acreditando que conseguiria asfixiar no sangue do mártir as ideias reivindicadoras de que ele se fizera apostolo.

Continúa a seguir a trilha escabrosa da intolerancia a mais ferrenha, do jesuitismo o mais feroz o Habsburgo degenerado que ora ocupa o trono espanhol.

Os processos infames de que ele lança mão para suprimir na desditosa terra do Cid a liberdade de pensar hão-de, no futuro, quiçá não mui distante, produzir efeito contrario ao que ele espera.

E então tarde, porém já muito tarde, ele reconhecerá que é mais facil opor-se um dique de areia ás aguas do Mississipi, a montante do Niagara, do que sustar-se a evolução da liberdade, quando uma vez foi a sua semente lançada no seio de um povo.

⁂

Gimnásio Diocesano de Uberaba — Reabrir-se-ão as aulas deste estabelecimento no dia 4 de fevereiro e as matriculas se fazem por todo o mez de janeiro até o dia da entrada.

Considera-se falta contra o regulamento apresentar-se depois desta data, sem motivo justificado.

As matriculas para obter lugar na Escola gratuita N. S. de Lourdes se fazem nas mesmas condições, e só se aceitam meninas pobres.

NOTAS IMPORTANTES: — 1º. Não se considera pobre aquele cujos pais frequentam os cinemas, os circos de cavalinhos, as casas de diversões, os teatros e as casas de jogos, etc.

2º. Não são pobres os que possuem fazendas, fazendinhas, os operarios que ganham dez, oito ou seis mil réis por dia, os donos de negocios, de casas alugadas, etc., etc.

Eis como compreendem a caridade os celeberrimos irmãos maristas que dirigem o Gimnásio Diocesano de Uberaba.

Para que um operario, que mal ganha para viver, obtenha para um filho seu um lugar gratuito na tal Escola de N. S. de Lourdes, é condição indispensavel que não entre em um cinema, que não vá a um circo de cavalinhos, que não penetre em uma casa de diversões, enfim que não proporcione o menor regalo ao espirito...

Os biltres dos tais maristas esses safardanas, que com os aplausos do beaterio de Uberaba trancaram outróra as portas do seu estabelecimento ao ex-padre Francisco Vaz, que do mesmo era o fiscal, pelo simples facto de ter tido a nobre coragem de haver contraido casamento com distintissima senhora; esses maristas cujos colegios em mais de uma cidade europeia hão sido encerrados por se constituirem fócos de perversão moral para a sociedade, querem, exigem que o homem destituido de fortuna perca a vida a mourejar no trabalho, concedendo-lhe apenas o direito de, nas horas de descanço, engrolar ladainhas e mastigar rosarios...

Isso, porém, de penetrar em um cinema para olvidar, por um momento, as durezas da vida, constituem para os bandidos dos maristas um crime, punivel com a expulsão dos filhos da Escola.

Só os ricos, pensam os santissimos maristas, têm o direito de se divertir. Para eles todos os prazeres, todos os gosos.

Si ao pobre sobrarem das suas despesas forçadas diarias cinco tostões, ele que vá lh'os levar e que não lhe passe pela mente a ideia de adquirir uma entrada de cinema ou de circo de cavalinhos, para se proporcionar uma hora de distração.

Pobre não tem luxo — bradam os excelentissimos e reverendissimos senhores maristas do Gimnásio Diocesano de Uberaba.

E entretanto os que assim pensam são exactamente os parasitas sociais, que vivem a explorar o suor dos pobres, constituem a classe dos consumidores improdutivos, cuja desaparecimento importaria vantagem imensa para a sociedade.

Mas essa opinião que acabam de expender em relação aos direitos dos pobres os irmãos Maristas de Uberaba, não póde passar assim sem energico reparo da nossa parte, pelo que no proximo numero volveremos mais longamente ao assunto.

Ignoto.

FERRER E CANALEJAS

A proposito da morte de Canalejas, o jornal londrino *Star* publicou um artigo do seu correspondente Donohœ, recordando a conversação que este teve com Canalejas em outubro de 1910:

— Ferrer teria sido condenado se estivesse no poder o vosso govêrno?

— Com toda a certeza! Os clericaes odeiam as «escolas modernas» e seus professores, mas dizer que influiram sobre a condenação e morte de Ferrer é insultar o exército e os oficiais que o julgaram.

Nestas palavras, Canalejas exprimiu bem o valor do seu falso anticlericalismo de fachada, a mentira do anticlericalismo de governo. Demais, não permitindo a reabertura da Escola Moderna, mostrou claramente a hipocrisia das suas promessas de oposição — iguais ás promessas de todos os «liberais» que aspiram ao poder.

Sobre Canalejas e o seu anticlericalismo enganador exprimiu a *Lanterna* por vezes a sua opinião, muito antes do atentado de Pardiñas.

Ferrer e Canalejas simbolizam dois ideais bem diversos. Nós somos anticlericais como Ferrer — que Canalejas mandaria fuzilar...

Luiz Tulio Bonafoux

Malatesta



Vislumbrei-o em «Whytechapel», o tétrico rincão dos judeus que me dá uma impressão de mãe andrajosa: mãe que chora na imensidade da noite, com uma criança hirta nos braços.

Fazia tempo que o não via. Ele vive numa casa obscura, num bairro obscuro, num bairro de operarios, que se chama «Islington». Quando a porta se abre uns olhos italianos relampagueiam na penumbra, formulando uma pergunta muda. Uma voz apagada (um murmurio longinquo) contesta:

— Malatesta está trabalhando. Malatesta trabalha, de ferramenta em punho, desde o raiar da aurora até muito depois do acender das lampadas. De regresso ao quarto, pobremente mobilado, e sob o tremular da luz, molha a pena em fel: «Avanti!»

Mostraram-mo, pela primeira vez, faz dez anos; tenho esquecido o contorno de muitas caras; não esquecerei porêm a sua «cara». Quando penso em Malatesta, vêm-me á ideia os bairros lôbregos da cidade: brutal trabalho, dor brutal. A sua figura, agigantada em meio de recordações já pulverulentas, permanece incrustada na minha retina com a aspera rigidez duma imagem de pedra, rodeada de fumo griz.

Uma sala em «Whitechapel»:

Varios oradores falam denunciando atropelos. Atmosfera pardacenta. Entre as caras lividas de judeus, prateadas pela luz do gaz, sobresai a cara de Malatesta. Uma cara leonina; uma fronte anfratuosa; dois olhos negros, afundados em cavidades que são como sepulcros escarvados pelas garras da injustiça, denotam um temperamento arisco e iluminam, a espaços, a sua tez bronzeada. Nariz aquilino; cabelo hirsuto; pele apergaminhada, sulcada de rugas profundas. E' a cara dum «macho», que não aceita mando algum. Meditativa ou iracunda, essa cara fala, sempre.

Estava de pé, curto de estatura, seco, sombrio. A cabeça, enorme, descansava sobre os dois ombros largos, como a duma aguia sobre as robustas azas. Fala pouco, e raras vezes de si mesmo, embora a sua vida de abnegação, de miseria, de aventuras extraordinarias lhe dê direito para faze-lo. A sua dantesca personalidade impõe-se, irremissivelmente. Entre os operarios é um operario, embora nem sempre tenha sido operario... Ante a humanidade que passa, tilintando ouro, é altaneiro. Erige-se, impassivel, em meio da gente vaidosa, como o rochedo em meio dos vagalhões.

— **Malatesta!**

Mirou-me um instante, a testa franzida, enquanto recorria as recordações amontoadas desordenadamente no labirinto do seu cerebro. Logo as rugas inumeraveis se desfizeram até formarem um sorriso estranho, que tambem se retratou em seus olhos. Pondo o cachimbo na boca, estendeu-me a mão rugosa com um gesto seco:

— Continúa em Londres... Gosta desta cidade?

— Porque é uma cidade de trabalho.

Durante alguns minutos falou-me num espanhol que recordava o italiano, ou num francez que recordava ambos os idiomas. Explorou o bolso da *americana*, já enegrecida pelo tempo: e da carteira tirou um cartão amarelado, que dizia:

ENRICO MALATESTA

ELECTRICISTA E ENGENHEIRO

— Mudei-me para outra casa, na mesma rua.

E desapareceu na meia escuridão, só, sempre só, andando com um estranho movimento, que lembrava o deslizar duma bôa. Usava gorro. Fazia frio e não levava capote. Ao ver a sua cabeça desaparecer ao longe, ladeada pelo peso dos anos transcorridos na pobreza, pelo trabalho, pelas perseguições, uma emoção intensa me subiu do coração para soluçar silenciosamente na garganta.

Ele, o revolucionario conhecido de todos e por todos respeitado, ele que, decendente de antiga familia italiana, sacrificou os prazeres levianos da vida no altar do ideal, ele vive numa casa obscura, abrigado pelo orgulho oculto nos actos da sua árdua existencia. E, embora me agrade ve-lo, poucas vezes o importuno, porque a voz por traz da porta contesta sempre;

— Malatesta está trabalhando.

⁂

«Islington» era o seu ultimo rincão. Desde muitos anos vivia ali, trabalhando de dia, compartindo de noite a humilde tenda dum companheiro italiano: Defendi. Não prejudicava ninguem; homens de talento veneravam-lhe o coração como veneraram o de Tolstoi. Não sei dizer se os operarios de «Islington» aplaudiam ou censuravam as suas teorias revolucionarias; consta-me, porêm, que todos o recordam carinhosamente, porque era um «homem bom», porque impediu que muitos rapazes se tornassem vagabundos, ensinando-lhes oficios; porque, não obstante o seu escasso salario, gostosamente desfazia-se da ultima moeda, no seu constante afan de mitigar a miseria daqueles dos companheiros que tivessem comido menos que ele e sentissem mais frio nos ossos ou no espirito.

E seus amigos pensavam que o governo inglez continuaria respeitando-o; que, apezar das intrigas de vis caluniadores policiescos, a velha tradição britanica, que ordena gozem todos os pensamentos de igual liberdade, seguiria amparando-o. Mas um espião italiano e um juiz, que o atendeu pelo facto unico de ser espião, mandaram ao diabo a liberdade anglo-saxonia.

Malatesta conhecia um camaleonico italiano chamado Ennio Belleli, que se dizia anarquista e cautelosamente logrou circular entre os revolucionarios asilados em Londres; tal era a sua hipocrisia, que estes, ao principio, o acreditaram sincero,

Quando a Italia, monstruosamente, atacou os mouros de Tripoli, Belleli declarou-se partidario da guerra, ensanguentando-se moralmente no assassinio; ao passo que a atitude dos revolucionarios era virtualmente pró-turca, sendo a Turquia a nação atacada. Malatesta teve uma discussão com Belleli: duvidava da sua integridade; aproveitou a ocasião para romper com ele; e com o silencio da esfinge, que acusa, deixou transparecer:

— E's um espião.

Um dia vieram duas pessoas contar a Malatesta que Belleli, convertido de habil policia, que era antes, em traidor colerico, lhes havia dito «confidencialmente» que Malatesta era um agente do governo turco. Malatesta, que não havia antes acusado Belleli com temor de incorrer numa injustiça, publicou a 22 de Abril um notavel manifesto.

Belleli emudeceu. Ao cabo de quinze dias, com a promessa talvez de que o seu acto infame seria apoiado pela policia, citou Malatesta ante os tribunais. Este foi processado por difamação; permitiu-se que um «detective» o caluniasse iniquamente, procurando implica-lo nos crimes de «Kounsditch», e um juiz inglez, extralimitando-se, o condenou a tres mezes de prisão, «recomendando ao ministro da Fazenda que o deportasse, ao sair do carcere, por ser um anarquista perigoso». Cobarde ameaça contra um homem honrado e inocente por parte da justiça duma terra que gosa a fama de ser a mais livre do orbe!

A decisão do juiz equivalia a enforcar Malatesta...

Afortunadamente, ha no caracter inglez um anelo de liberdade que o obriga a levantar uma voz de censura contra quantos atropelos comete a «justiça», não só de Inglaterra, mas do mundo inteiro. Protestou contra a sentença como protestára antes contra o fuzilamento de Ferrer, em Montjuich, e contra o encarceramento, na Russia, de miss Malecka. Protestaram jornais como o *Daily News, Leader, Reynold's Newspaper* e o *Daily Herald*; escritores e oradores como Cummingham Graham; organizaram-se comicios imponentes, aos quais acudiram milhares de homens, mulheres e crianças, que pela variedade de opiniões representavam o publico inglez. E o governo teve que escutar este protesto. Que desejava o povo? Era já tarde para derrogar a pena infligida a «esse estranjeiro».

Mas não era tarde para que o governo relaxasse a recomendação do juiz para que se entregasse o corpo de Malatesta aos verdugos italianos. E cuidadoso daquela velha tradição, o amor proprio britanico conseguiu isso, do mesmo modo porque conseguira arrancar miss Malecka de um calabouço russo...

⁂

Quando Malatesta saiu do carcere fui a «Islington», com ancia de ve-lo, temendo encontra-lo enfermo. A tenda em que vivia estava cerrada; a porta entreaberta, as vidraças quebradas.

Malatesta?

Fôra-se embora. Ninguem sabia para onde. Procurei em todas as vielas escusas de «Islington»; em toda a parte me diziam o mesmo: *Malatesta has gone away*.

Uma noite, depois de muitas e infrutiferas investigações, tive a alegria de o encontrar na tenda de Defendi, trasladada para o heteroclito bairro de «Soho», o mesmo a que vieram parar, anos ha, e meio mortos, alguns torturados espanhois. «A sua cara era a mesma»; a sua energia de ferro não havia decaído; os olhos brilhavam como dantes; na idade em que outros homens, sem terem sofrido ainda, dizem «sou um ancião...» ele, apenas libertado duma prisão que poderia ser a sua tumba, continuava a luta, o espirito semelhante a essas flores solitarias que se conservam frescas na areia do deserto: só a cabeça estava um pouco mais enterrada.

O autor de *Le Penseur* poderia esculpir a figura sobrehumana de Malatesta num bloco de granito e chamar a essa estatua «O mutismo da dor». Não se queixava; não dizia «sofri», mas «outros sofrem». Como notasse surpreza em meu olhar (tinham-me dito que estava tisico), exclamou, com um sorriso profundamente amargo;

— A saude vai bem. Os amigos disseram que eu estava enfermo... pensando fazer-me bem.

— Como foi tratado no carcere inglez?

Malatesta ergueu os hombros, como que perplexo:

— Oh!... Nem bem, nem mal... Sabe, «todas as prisões são iguais».

E acrescentou, numa entonação genuinamente filosofica:

— No fim de contas, foi para mim uma ocasião de conhecer uma prisão ingleza... Acaso a unica que não tenha conhecido. Existem coisas um pouco raras, aqui. Na vespera do dia em que devia ter saído, veiu a mim o capelão e me disse untuosamente: «Sr. Malatesta, virão os seus amigos espera-lo amanhã á porta do carcere?» «Talvez» contestei. «Ser-lhe-ia agradavel, tornou o capelão, sair hoje mesmo?» Saí um dia antes, embora já tivessem comutado a pena por minha boa conduta.

Temiam uma manifestação em frente ás grades negras. E sem que o soubesse ninguem, sem um amigo que o acompanhasse, Malatesta atravessou as ruas da cidade, debaixo da chuva, até áquela pobre tenda italiana, com seus presuntos e suas garrafas e sua atmosfera de tristeza calada que se destaca entre as recordações da minha juventude, qual *The Old Curiosity Shop*, de Carlos Dickens, entre as reminiscencias dos inglezes velhos.

Ao sair Malatesta da prisão, o traidor Belleli desapareceu. Assim como Belleli «morreu» para a colonia italiana de Londres e para os revolucionarios de toda a parte, Malatesta granjeou ainda mais afecto, ainda mais respeito. E quem todavia duvidar da negridão moral de Belleli, para convencer-se não tem mais que ler o numero unico de *La Cogna*, valoroso periodico que apareceu em Luglio, como um punhal vingador, para fazer uma relação sobria do assunto e publicar um retrato do agente provocador, por baixo do qual aparece em letra de fôrma:

O espião Emilio Belleli.

Eu soube que Belleli recebia dinheiro do governo italiano, todos os mezes, o que lhe permitia viver como burguez; que a mulher de Belleli, ao saber que este não era anarquisra, cuspiu-lhe á cara o seu desdem, numa scena dolorosa, e lhe disse:

— Eu não sabia que tu eras um espião!...

⁂

...Sim; tive desejos de sentir-me muito feliz, ao rever Malatesta, ao assegurar-me que não estava falando com um esqueleto, ao pensar que não haviam logrado deporta-lo. Porque, se na terra que inspirou a «Graziela» a Lamartine não existe o «knout» selvagem que tritura carnes inocentes na gelada Siberia, ha, em troca, funebres calabouços, de onde saiam, talvez, em busca dalguma alma piedosa, ecos de suspiros, ecos de uivos... como dantes!

Londres, 1912.



LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Associação filiada á Federação Internacional do Livre Pensamento, com séde em Bruxelas (Belgica).

Todas as quintas-feiras, á noite — admissão de novos associados, conferencias e palestras.

— Aulas para os socios e suas familias, tambem á noite, durante a semana, de portuguez, francez, aritmetica, geografia, historia, desenho linear e geometrico e outros mais que serão oportunamente inauguradas.

RUA MARECHAL FLORIANO N. 118 1.º ANDAR.



Incidente de fim de ano ou de ano novo — Uma proposta do presidente repelida pelo ministério — O indulto dos bispos, padres e presos politicos — A desastrada e escandalosa publicação de duas cartas — Opiniões presidenciaes — Irreverentes críticas dos democráticos e pálida defesa dos evolucionistas — Sugere-se disfarçadamente uma abdicação.

LISBOA, 29 DE DEZEMBRO

Tenho descurado as manifestações da vida social portugueza, aliás tão pobre e tão pálida. Não acho que sejam coisas demasiadamente interessantes as brigas e manobras dos partidos e facções, agatanhando-se na ávida disputa do poder, declamando com ênfase, fazendo de pequenos incidentes grandiosas tragédias, apregoando os seus messias e elixires, falando cada um em nome do «verdadeiro povo», apresentando os seus interesses sectários como sendo da nação inteira, do povo todo, salvando a pátria todos os dias, acusando-se reciprocamente dos maiores descalabros. Tudo isso, na verdade, atrai bem pouco as atenções das pessoas estranhas aos partidos de govêrno, e eu tenho preferido as questões de verdadeiro interesse social, sobretudo as que directamente se prendem á grandiosa e absorvente luta entre as classes que compõem — que desagregam, melhor seria — as sociedades modernas.

Mas, enfim, estamos no fim do ano... e por desfastio, para variar, para concluir com um *mot de la fin*, tomemos um facto da política portuguesa, tanto mais que êsse facto, segundo se murmura, pode vir a ter graves e sensacionais conseqüências...

Foi o caso que o presidente da República, para «solenizar o advento do ano novo», propôs por carta ao ministério o indulto dos bispos e padres castigados e o dos prisioneiros políticos, arrancando-se a estes últimos «o capuz ignominioso de penitenciários» para os sujeitar ao regimen comum das cadeias.

O govêrno respondeu unânimemente que o perdão dos bispos e padres, que não o solicitaram, nem modificaram a sua atitude hostil, seria prematuro, tomando-o a opinião republicana como uma transigência irritante e os perdoados como um sintoma de fraqueza; e que a abolição do regimen penitenciário para os presos políticos merece ser posta em prática, mas só uma lei, em breve apresentada ao parlamento, poderá derrogar um regime que, por lei, foi instituido.

As duas cartas — a do presidente da República e a do presidente do ministério — foram publicadas em todos os jornais, afirma-se que por iniciativa do chefe do Estado contra a vontade expressa do govêrno.

E' facil de calcular a sensação que isto produziu nos meios politicos e na opinião; mas para melhor a medir, é conveniente conhecer ao menos o texto da parte substancial da epístola do presidente Arriaga:

«Prevejo que o regresso dos prelados ás suas dioceses levará consigo a sua conciliação com êsses simpáticos e modestos servidores da Igreja e do Estado, os presbíteros, que, ao verem proclamada a República, com assentimento de todo o País, quiseram evitar a colisão entre a sua obediência á Igreja e o seu respeito á Lei, entre a sua crença em Deus e o seu amor á Pátria.

Por este meio arrancaremos do organismo da nossa vida colectiva, a almas ingénuas e simples, alguns espinhos que as molestam e que perturbam o bem-estar social e a paz das consciências.

Aos que receiam que o perdão aos bispos seja um erro grave e até um perigo para as instituições vigentes, lembrarei que, enquanto ocupar a presidencia da República, quem quer que seja, que, como eu, perfilhe o poder espiritual dos novos tempos emanado da Razão, do Direito e da Justiça, e que tem a seu favor uma moral toda humana, jamais a Igreja tentará reconquistar no nosso País a sua supremacia sôbre o poder civil.

Faltar-lhe-á o apoio, sua base fundamental, da realeza e das classes privilegiadas, que nunca confraternizaram com os míseros da plebe, hoje protegidos pela República, nem reconheceram, apesar da apregoada humildade evangélica, a igualdade de todos perante Deus e perante a Lei.

Tendo de abandonar a sua acção no campo político, a Igreja refugiar-se-á no mundo altíssimo e poético dos seus símbolos, das suas lendas e e do seu cunho que, não fazendo mal aos filósofos e aos homens de Estado, são ainda hoje o refúgio e o enlevo dos simples e dos crentes que adoram, acima de tudo, o cristianismo, com todas as véras da sua alma.

Enquanto aos presos politicos, eles reconhecerão afinal que a Republica não é tam má como se diz; e quando a lógica indestructivel dos factos e a corrente poderosa da opinião os obrigarem a reconhecer a absoluta impossibilidade da restauração de um regime que cavou fundo o nosso descrédito e a nossa desgraça, e quasi desabou por si mesmo pela carência de virtudes e energias próprias e pela falta de fé e dedicação dos seus servidores, eles aguardarão circunstâncias mais favoráveis em que o Parlamento e eu possamos dar-lhes, aos já condenados o indulto para o resto da pena, e aos que ainda estão para responder perante os tribunais, o perpétuo esquecimento das suas culpas — a amnistia.

Os democráticos, isto é, os partidários do autor da lei de separação, que combateram a candidatura do actual presidente, tendo-o porêm poupado depois de eleito, desta vez não tiveram mão em si e censuraram acremente o acto presidencial.

O presidente, fasendo em público afirmações politicas, saiu das suas atribuições de simples figura decorativa e cerimoniosa em regime parlamentar. Manifestou-se contra o ministério e contra o parlamento, pelas ideias de um grupo politico, simpático aos monarquistas. «Simpáticos servidores da Igreja e do Estado», diz o presidente, referindo-se aos padres rebeldes e não pensionistas. Mas não está a Igreja separada do Estado? A carta presidencial ataca assim a lei de separação. Outras expressões, a carta toda vai dar fôrça e argumentos á desacreditada e débil oposição monárquica. E peor do que tudo: o presidente, publicando as cartas contra a opinião do governo (aliás, bem colocado nelas), parece ter querido fazer o gesto de Pilatos, livrar-se em público de responsabilidades, dizer bem alto: «Vejam: foi o govêrno que se opôs ao meu acto. Levem-me em conta a boa intenção.»

Disse-se tudo isto e deu-se conta do «boato» da resignação do presidente... Oh! consta apenas... não é certo... sem duvida, não é verdade... mas tambêm não seria caso de pasmos nem de sustos... Em França houve, na terceira república, várias renúncias e acidentes e o regime não periclitou...

Contra esta «sugestão» manhosa, levanta-se hoje o jornal de Antonio José de Almeida, do que melhor apadrinhou o actual presidente: houve erro em publicar as cartas, sim, mas o maior erro é o presente debate. Manuel de Arriaga é um grande coração e tem sido um presidente imparcial e calmo...

A República, não há dúvida, nada ganhou neste incidente.

Neno Vasco.

Pela nossa absolvição

Do dr. Luiz Carlos Rigaud, ilustre medico residente na cidade de Amargosa, Bahia, recebemos o seguinte cartão de felicitações pela sentença favoravel que nos foi dada no processo contra nós intentado pelo sacro e moralissimo Orfanato Cristovam Colombo:

Sr. Edgard Leuenroth, redactor da muito apreciada *Lanterna*:

Cordiais saudações.

Queira aceitar meus sinceros parabens pela recta e justa decisão do Tribunal anulando o processo-crime contra si e a ilustrada redacção, instaurado no «caso Idalina», pelo director do Orfanato Cristovam Colombo. E' favor transmitir as mesmas á digna e ilustrada Redacção.»

Ao prezado correligionario e a todos quantos acompanharam com interesse os processos com que a furia clerical nos alvejou, enviamos os nossos sinceros agradecimentos, afirmando ainda uma vez a nossa firmeza inabalavel na campanha contra a horda negra, inimiga perigosa da evolução social.

A "Lanterna" diaria

Continuamos a receber novas adesões

Como têm visto os nossos leitores, são alentadoras as provas de apoio á iniciativa da publicação diaria da *Lanterna*.

Publicamos hoje ainda algumas cartas de adesão, deixando diversas para a proxima semana, assim como alguns reparos a certas considerações feitas a proposito.

⁂

Sr. Edgard Lenenroth:

Convicto de longos anos da nulidade das religiões, só aproveitaveis aos espertalhões que as exercem em beneficio proprio ou da seita, portanto anticlerical decidido; avesso a toda a prepotencia da casta que se arroga o direito de dirigir e dominar, por suas violencias e despresos ás necessidades intelectuais e vitais do povo, desviado pela politicagem infrene que se desenvolve no paiz de anos para cá, só lamento a falta de noções esclarecedoras que transformassem em energias esse calculado embrutecimento que envolve a massa.

Mais lamentavel, porêm, é essa imprensa, em geral, — cuidadora da politicagem da casta directora, — não doutrinar, não iluminar cotidianamente muitos cerebros maleaveis facilmente na persistencia da doutrina.

Quasi descrente de ver entre essa imprensa, uma voz que se destacasse dessas sordidas conveniencias, eis que surge aqui a propaganda da *Lanterna*. Não recusei o numero que serviu de inicio á minha assinatura aqui, por verificar aí a expansão de ideais tendentes á dissipação das actuais extorsões sociais!

Assim combinado o que penso com o que propagais e defendeis, lendo em vossos dois ultimos numeros o que projectais — tornando em diaria a vossa publicação semanal, só distingo vantagem para a propaganda; pena será, com a necessaria elevação da assinatura, ficar fóra do alcance da bolsa de centenares de operarios, atingidos por responsabilidades economicas de familia ou falhos pela mediocridade de ganhos.

No caso realizeis esse intento — louvavel em toda a acepção — na relatividade de meu emprego e de minhas economias tomarei 30 acções sorteaveis, com desistencia de juros, se por acaso esta condição for estabelecida.

Logo que tenhais conseguido o numero suficiente para inicio da reforma, me avisareis afim de tornar efetiva a entrega nessa praça. Futuramente talvez eleve esse numero.

Desejando-vos prosperidades no percurso do ano vigente, firma o vosso — *X. X.*

Pelotas, 10 — 1 — 913.

⁂

A' redacção da *Lanterna*:

Tenho o prazer de levar ao conhecimento dessa progressista redação que, em sessão de hoje, foi aprovado por unaminidade apoiar moral e materialmente, naquilo que estiver em nossas forças, a ideia de tornar essa folha diaria.

S. Paulo, 7 de janeiro de 1913.

R. Navajas, Sec. Int. da Loja Union Española.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

No n. 172 desse semanario que tão dignamente dirigis, vi, com sumo prazer, que se projecta fazel-o diario. E' uma bela ideia que, levada a pratica, será de uma grande vantagem para a maioria do povo brazileiro, em sua maioria sujeito ao fanatismo da religião catolica.

Eu, muito longe da seita da clericanalha, acho magnifica a sua iniciativa.

Contai, querido correligionario, que serei mais um dos que com o meu escasso recurso, contribuirão para tal projecto.

Campinas, 19 — 1 — 1913.

S. Santos.

⁂

Amigo e correligionario:

Apresso-me em levar ao vosso conhecimento o entusiasmo que sinto com a *Lanterna* se tornar diaria. E' uma necessidade urgente a execusão desse vosso projecto, porquanto, verifica-se actualmente uma invasão enorme de roupetas, que, expulsos da minhas patria, veem fazer do territorio brazileiro o seu quartel general, onde, devido a liberdade de que aqui gozam, podem mais a vontade cevar os seus bestiais e ferozes instintos.

A *Lanterna* tornando-se diaria será a nossa sentinela avançada, a descobrir desse exercito corrupto todas as mazelas, todas as miserias por praticadas.

Diz Junqueiro:

Mil bombas a vapor jorrem desinfe-[tantes
Nesse velho bordel da Igreja, o Va-[ticano.

Portanto, amigo Edgard, poderá desde já contar com o meu fraco, porêm sincero apoio.

Rio, 20 — 1 — 1913.

Saude e fraternidade. — *Mario Seino.*

⁂

Companheiro Edgard:

Cumpre-me scientificar-lhe que estou muitissimo de acordo com a publicação diaria da *Lanterna*, cuja consecução será mais uma vitoria para o nosso ideal.

Comprometo-me desde já a ficar com cinco acções.

Sem mais, saude e liberdade.

Rio, 20 — 1 — 1913.

Estevo Boni.

⁂

Parabens pela *Lanterna* diaria, esperança que antevejo realizada.

Sertão de Minas, 13 — 1 — 913.

Z. Z.

⁂

Sr. redactor:

Com grande prazer e alegria recebi a noticia de que a nossa folha vai ser transformada em diario.

Eu, com o meu escasso ordenado, prometo ajudar a sustentar esse valente baluarte dos oprimidos.

Lapa, 12 — 1 — 1913.

José Lara.

⁂

O nosso decidido correligionario Valencio Ferraz, residente em Baurú, promete ficar com 20 acções.

Tambem o correligionario A. G. da Costa, da mesma cidade, ficará com diversas.

O Espiritismo

Do nosso companheiro E. Santos, residente em Campinas, recebemos a seguinte carta, acompanhando o artigo que abaixo publicamos:

«Amigos da *Lanterna* — Satisfeito com o artigo do vosso apreciado colaborador Z. Z., que, mui sensatamente, veiu pelas colunas desse popular semanario ventilar o momentoso problema do espiritismo, julgo de toda oportunidade a reprodução do magnifico artigo do illustrado escritor francez G. Dumas, que ainda ha pouco realizou uma serie de preleções na Escola Normal daí.

Esse belo estudo foi publicado no *Correio Paulistano*, cujos leitores não são os mesmo da *Lanterna*.

Julgo, pois, proveitosa a sua publicação.»

⁂

A questão do espiritismo permite fazer uma aplicação das teorias de Janet sobre a desagregação mental e o desdobramento da personalidade.

A questão é muito antiga; mas estabeleceu-se, com particular precisão, pelos meados do seculo passado, por occasião do facto bem conhecido das mesas girantes. Umas vezes, uma só pessoa aplica as mãos na mesa e esta gira sobre si mesma; outras, varias pessoas apoiam as mãos numa mesa redonda, de maneira a estabelecer uma cadeia contínua, tocando-se os dedos, e acontece que a mesa adquire um movimento de rotação. Nos dois casos, o movimento produz-se sem que as pessoas, que tocam a mesa, tenham consciencia de o querer produzir. Por meio de signais de convenção, pancadas dadas pela mesa, pode-se entrar em comunicação com o móvel, fazer-lhe perguntas, dar-lhe ordens e travar verdadeiras conversações.

Bem depressa se aperfeiçoaram esses processos de comunicação, servindo-se de mesas leves, e adaptando-lhe aos pés um lapis; e a mesa poude escrever directamente as respostas; por fim, notou-se que, entre as pessoas presentes, nem todas representavam igualmente um papel importante. Umas podiam retirar-se sem que o fenomeno final fosse modificado; outras, porêm, eram indispensaveis para obter os movimentos das mesas. A estas pessoas deu-se o nome de mediums.

Estes mediums, mais ou menos poderosos segundo as suas aptidões, acabaram por operar sózinhos. Limitavam-se a apoiar as mãos sobre uma prancheta munida de lapis; ou até a segurar directamente o lapis, mostrando-se surpreendidos ao lerem o que tinham escrito sem saber e sem querer.

Diante dos factos deste genero, a tese espirita consiste em invocar, a titulo de explicação, a existencia, a presença e a manifestação de espiritos; e os espiritistas estão persuadidos de que as almas dos mortos

voltam a este mundo para aconselhar, dirigir e instruir os homens.

A psycologia acreditou, durante algum tempo, poder responder-lhes com as celebres explicações e experiencias de Chevreuil, que datam de 1857. Chevreuil não conhecia ainda, como nós hoje conhecemos, os diferentes efeitos das imagens sobre os movimentos; possuia, porêm, bastante experiencia das coisas do espirito para saber que, pensando-se em realizar um movimento, se começa sempre mais ou menos a realização, e que entre certos individuos, especialmente impressionaveis, a ideia dum movimento, a representação dum movimento basta para o realizar por completo.

De posse desta constatação, julgou poder explicar o fenomeno das mesas girantes com o fenomeno, muito analogo, do pendulo explorador. Quando suspendemos dentro dum vaso de cristal um pendulo, basta, nota Chevreuil, pensar que o pendulo vai começar a oscilar, batendo nas paredes do vaso, para que o pendulo execute esse movimento. E se lhe perguntarem, a idade duma pessoa presente ou a data dum facto historico, somos nós que respondemos, sem dar por isso, com as pancadas do pendulo. Do mesmo modo, quando a mesa responde ás perguntas que se lhe fazem, e, se a mesa gira ou faz sinais, é porque uma das pessoas, que apoia as mãos á mesa, lhe imprime os movimentos, de que tem a representação viva e activa.

Os espiritas não tiveram grande dificuldade em mostrar nas suas obras quão superficial era esta explicação do grande sabio, e, portanto, insuficiente; fizeram notar que, muitas vezes, as mesas respondem sem que o medium saiba o que elas respondem, que a mesa pode ser espirituosa quando o medium tem o espirito obtuso, que a mesa pode ser instruida e o medium ignorante, que pode citar datas ou contar factos de que o medium não tem ideia alguma, que muitas vezes se revolta contra ele, injuriando-o, invectivando-o. Nestas condições, é inteiramente impossivel explicar o fenomeno das mesas girantes pelo mecanismo simplista, que Chevreuil invocara. Pelo contrario, todas as particularidades, que acabo de citar, lhes pareciam demonstrativas da presença e da manifestação dum espirito.

Convem reconhecer que a atitude dos espiritas não deixava de ter uma certa logica, e os protestos do marquez de Mirville contra as explicações de Chevreuil eram plenamente justificadas. E' bem certo, com efeito, que não existe entre o pensamento do medium e o das mesas a harmonia, a identidade que o célebre fisico supuzera, assim como tambem é certo que, se a sciencia quizesse opôr uma explicação á dos espiritas, devia achar outra coisa.

O que Chavreuil ignorava e hoje conhecemos, graças aos trabalhos de Charcot e de Janet, são os fenomenos de desagregação mental. «O caracter essencial desta desagregação, diz Janet, é a formação no espirito de dois grupos de fenomenos. Um constitue a personalidade ordinaria; o outro, susceptivel, aliás, de se subdividir, forma uma personalidade anormal, diferente da primeira e de que esta tem, apenas, conhecimento muito incompleto, quando até não a ignora de todo». Nos casos do pendulo explorador e das mesas girantes, é esta segunda personalidade que se desenvolve; e, quando a primeira a ignora completamente, o que em regra se dá, pode muito bem ficar sinceramente estupefacta ao receber por intermedio do pendulo ou das mesas informações que julgava ignorar. E' da sua memoria subconsciente, da sua experiencia passada e esquecida, que lhe provêm pelo pendulo e pelas mesas as revelações que lhe causam admiração.

Semelhante explicação supõe que todos os mediums apresentam fenomenos de desagregação mental e de dupla personalidade. Foi em fazer esta prova que os medicos partidarios da teoria de Janet se ocuparam e parece que, sobre este ponto, os inqueritos possuem o maximo de verosimilhança, sem que a boa fé ou a honorabilidade dos mediums tenha de sofrer — antes pelo contrario, com esta demonstração.

Supõe, ainda, a explicação psicologica que a memoria subconsciente do medium basta para dar conta das revelações mediumnicas mais surpreendentes e inesperadas; por exemplo, se as mesas falam uma lingua desconhecida do individuo, é que este a conheceu e se esqueceu dela; ou ainda, se as mesas dão uma data exacta e ignorada pelo medium, é porque este teve já ocasião de a conhecer.

Sobre este ponto, qualquer demonstração perfeita é dificil; a experiencia crucial, que já foi tentada sem sucesso, consistiria em alguem encerrar num envelope lacrado e selado o texto duma comunicação, só dessa pessoa conhecida, e revelar, depois da sua morte, o conteudo do envelope a experimentadores que poderiam, abrindo o envelope, certificar-se da objectividade e da verdade da comunicação. A' falta desta experiencia crucial, os espiritas trazem-nos observações e multiplas experiencias, de que nenhuma delas, a meu ver, pode ser considerada convincente; muitas vezes vi a psicologia, a analise da memoria subconsciente e da experiencia passada dar plenamente conta dos factos, como na bela observação de Flournoy, a que já me referi.

Inclino-me, pois, pelas razões de critica e de experiencia, e pelas razões teoricas mais gerais, para as esplicações psicologicas; não acredito na tese espirita. Ha muito tempo. porêm, que me guio por dois principios, sobre os quais Flournoy fundou, mui justamente, a sua filosofia do supernatural. O primeiro, formulado por Shakespeare e que o poeta poz na boca de Hamlet: «O mundo é maior do que a minha filosofia.» Desprezando-o, arriscamo-nos a sermos um pontifice ou um sectario e negarmos em nome da Sciencia, com S maiusculo, o que amanhã a experiencia descobrir. O segundo principio, que se pode chamar de Laplace, é o seguinte: «O peso das provas deve ser proporcional á extranheza dos factos.» A ignorancia ou o desprezo deste principio faz confundir o possivel, o impossivel até, com o certo; e, nesse caso, a direcção da nossa logica passa da razão ao sentimento, ao desejo, á esperança.

O mais prudente, parece-me, é seguir aqui o conselho de Hamlet e o conselho de Laplace.

GADO PARA A MATANÇA

Comboio negreiro — Fome, sêde e sujeira — Cinco mortos — E viva a lei de expulsão...

Dispensam comentarios os factos desta natureza: bastampor si mesmos.

Que dizer de uma tal infamia?

Não, basta o facto com toda a sua brutal realidade.

Leia-se esta carta do sr. Antonio De Cicco, escrita de Pedregulho a jornais desta capital:

"A's tres horas da madrugada de ontem (18) chegou a Conquista (E de Minas) um trem especial carregado de imigrantes espanhois, dirigidos á fazenda do dr. Gabriel Junqueira, que se acha a poucos quilometros daquela estação.

O estado daqueles pobres infelizes era tão horrivel que causava dó olha-los; a fome os reduziu a condições espantosas.

Disse a fome, porque aqueles pobres infelizes, partindo de S. Paulo desde as primeiras horas do dia 16 do corrente, faltos das coisas mais comezinhas, era natural que a fome e a sêde os deixassem extenuados.

Devemos acrescentar que os dois vagões que serviam para o transporte das 32 familias achavam-se em tais condições que não era possivel chegar-se perto deles, pelo insuportavel mau cheiro que deles se desprendia.

Durante a viagem houve cinco mortes, tendo sido entregues tres ás autoridades (conforme me informaram) de Casa Branca, para o seu sepultamento, e dois foram encontrados mortos no vagão na estação de Conquista.

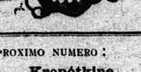
E' o caso de chamar-se a atenção do consul espanhol, a quem cabe o dever de defender a causa dos subditos do paiz que representa e fazer compreender aos srs. fazendeiros que, quando se embarca uma porcada ou uma boiada, a primeira lembrança é a provisão de agua e nutrição, e disto mórmente dever-se-ia ter pensado ao embarque dos 120 desgraçados imigrantes chegados da Espanha para se verem explorados no seu tabalho por gente inumana e sem criterio.

Os jornalistas que quizeram tomar tanto a peito o "Decreto Prinetti e o de 31 de dezembro de 1912, emitido pelo "Comissariato di Emigrazione", em lugar de berrar contra o governo italiano, se ria o caso de voltarem um pouco a sua atenção tambem para estes factos deplorabilissimos e aconselharem os importadores de imigrantes a serem menos inumanos e sem coração."

Protestar contra isso? Loucura!

A lei de expulsão foi feita para castigar os perturbadores da ordem...

E na Europa a "Embaixada do Ouro" continua a gastar rios de dinheiro na propaganda do Brasil...



No proximo numero:

Kropótkine

Por Mayer Garção

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A;
Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;
Em Rio Grande — Sr. Germano Coelho Estima, Armazem Nova Aurora;
Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;
Em Bagé — Amantino O. Santos.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

Contra a lei-arrocho

A agitação — O delegado da C. O. B. parte para a Europa — Um comicio

Trazemos tambem o nosso protesto contra esta lei arbitraria e violenta. O intento que tiveram em vista os pseudos representantes do povo, eleitos, salvo raras excepções, pelo bico da pena, incompetentes em sua maioria, foi combater as *ideias subversivas da ordem social*, como enfaticamente chamam as ideas modernas os que têm interesse em que perdure a actual organização da sociedade. E, no entanto, essas ideias subversivas são fruto da sociedade. Se nela houvesse justiça, se nela predominasse o amor, essas ideias não se espalhariam ao ponto de causar medo aos governos, que apavorados lançam mão de todos os meios para combate-las. E os governos vêm, assombrados, a inanidade de tais meios.

A lei votada pelo congresso é odiosa; sua inconstitucionalidade é evidente, palpavel. Basta uma leitura desapaixonada da Constituição para nos convencermos disso. Mas de que serve apelar para a Constituição? Os régulos que, para desgraça de nosso paiz se acham á testa do governo, pouco se importam com ela.

Nos tempos tristes que correm, é irrisorio lembrar que ha ainda uma Constituição.

Que importa, porêm? As medidas violentas, arbitrarias são contraproducentes. As ideias não desaparecem quando combatidas desse modo. As ideias só devem, só pódem ser combatidas no campo largo da discussão.

***

E' um facto que o operariado se agita. E' um facto que todas as classes sociais se sentem presa de evidente mal-estar. «E' preciso sair disso.» Mas toda esta agitação, todo esse mal-estar, têm por causa, prova-o á evidencia Sebastien Faure, a organização social, que engendra o despotismo, a injustiça, a hipocrisia. E é a injustiça, o despotismo, a hipocrisia a causa da agitação proletaria e a do mal-estar que se nota em todas as classes sociais. Se assim é, são inuteis todas as leis que pretendem por medidas odiosas combater a liberdade de pensamento; liberdade garantida pela Constituição.

Rio, 19 — 1 — 913.

Eduardo Vital.

Na colonia espanhola

Segundo fomos informados, um grupo popular de espanhois continua a trabalhar no seio da respectiva colonia para que o seu protesto contra as violencias policiais e a lei de expulsão tenha a maior importancia possivel.

Além dos dois manifestos já publicados, um outro aparecerá por estes dias para preparar o comicio que em seu nome deverá ser convocado.

Importante reunião das associações do Rio

Para estabelecer os melhores meios de acção na justissima campanha contra a odiosa lei draconiana votada ás pressas por ordem dos sátrapas paulistas, reuniram-se no dia 19 do corrente, na séde da Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café, a Confederação Operaria Brasileira, a Federação Operaria e mais associações do Rio.

Após uma animada troca de ideias, foi determinado fazer seguir imediatamente para a Europa um delegado das associações com o fim de scientificar os trabalhadores de além-mar sobre as perseguições sistematica de que aqui é alvo a sua classe, á qual não é permitido associar se para garantir os seus direitos.

Para a custeio das despesas da viagem do seu delegado, que deverá partir por toda a proxima semana, foi determinada a quota com que cada uma deverá contribuir.

Sr. director da *Lanterna*:

Não deixo de lançar o meu protesto contra a infame lei de expulsão que veiu patentear o odio que os tais eleitos do povo votam aos homens que têm a coragem precisa para não pactuarem com a suas grandes mixordias politicas.

Em um paiz como este, onde o interesse serve de bandeira aos dirigentes, preciso é que não deixemos ficar encobertas as vergonhosas bandalheiras nascidas de cerebros desequilibrados.

Uberaba, 1 — 1 — 1913.

Calixto Rosa.

EM AMPARO

PROTEGENDO A FRADALHADA

A Camara presenteou os frades com um terreno pertencente ao povo — Abuso de confiança

E' de pasmar o procedimento da maioria dos camaristas de Amparo, que tão mal desempenham sua missão, a ponto de quasi fazerem causa comum com o clero.

E sabem quais são esses a quem temos o direito de censurar? Escutem. São os drs. Valencio do Prado Paulista, prefeito, e Amadeu Gomes de Souza, presidente, e outros, que a despeito da oposição justa e criteriosa da minoria, entenderam de ser agradaveis a frei Egidio, fazendo-lhe indevidas concessões.

E' de pasmar!

Entretanto, é isto uma verdade patentemente evidenciada: a camara de Amparo fez dolosa concessão a pretenciosos frades que infectam aquela cidade.

E não houve quem protestasse?

Sim, mas debalde.

O sr. Joaquim Bueno de Camargo e mais alguns liberais, que da camara fazem parte, repeliram tal absurdo, mas foram vencidos.

E porque?

Não sabem?...

O jesuitismo domina aquela corporação, levando a á pratica de actos vergonhosos.

Eis aí a razão.

Não se pense, todavia, que falamos por despeito.

Não é por isso, não.

O que nos leva a protestar contra a repreensivel conducta do tais camaristas é o sentimento de justiça e amor á liberdade que se vêem ofendidos com o acto desleal e arbitrario, senão irrefletido e condenavel, que acaba de ser por eles praticado, com grave prejuizo da moral administrativa daquela corporação municipal e grande falta de respeito aos principios basicos da constituição republicana.

Fizeram mal, muito mal.

Eles não podem dispôr, a seu talante, do que é do povo. Deram do que não era seu.

E isso não é toleravel, nem admissivel. E' uma falta que exige reparação, que reclama um protesto.

O povo, traído por seus representantes, tem o direito de pedir-lhes conta.

Tal é o caso de que hoje nos ocupamos nestas colunas.

Escutem.

A camara presenteou com um terreno de servidão publica a uma ordem de detestaveis clericais, cujos frades ali se acham aquartelados na igreja de S. Benedicto.

Quiz servir o clero, mas sacrificou o povo. E isso é um crime, que se torna tanto mais grave quando se sabe que com a doação do terreno sito ao largo São Benedicto o povo de Amparo ficou privado de uma rua transitada, que desapareceu ocupada pelas edificações de moradia, colegio, convento e não sei que mais instituições fradescas.

E sabem com que condição os frades receberam tal presente?

Até parece incrivel! Em troca receberão gratuitamente em seu colegio, por indicação da camara, uns 15 meninos pobres, a quem darão o devido preparo.

Mas isto é pretexto, apenas pretexto, porque Amparo está regularmente servido de escolas publicas, que ministram ensino gratuito.

Ali não faltam grupos escolares, ginazio, liceu de artes e oficios, alêm das aulas diurnas da escola Ganganeli, mantida pela loja maçonica "Trabalho", tambem de ensino gratuito e bastante frequentadas.

Não ha desculpas para se justificar tão indigna norma de conduta.

Dai o motivo para merecerem nossa reprovação.

Trairam o seu mandato, faltaram com o respeito aos interesses do povo, mentiram ás suas promessas, eis o que fizeram.

E o povo que sofra as consequencias, o povo, a eterna vítima dos poderes politicos, que o vêm ludibriando desde seculos imemoriais!

Até quando há-de durar essa passividade condenavel, essa inércia, essa falta de acção da parte do povo, que bem poucas vezes se levanta para protestar contra os vis usurpadores de seus direitos, contra os que abusam do poder para escarnecerem da sua soberania lucupletando-se á custa de seu sacrificio?

Até quando?!...

E' preciso que protestemos, para que sejamos respeitados, para que os poderes publicos não exorbitem de sua esfera nem faltem com o respeito aos interesses do povo.

Luiz da Camara.

SOB O DOMINIO DE SCARPIA

Assaltos a domicilios, roubos, prisões e espancamentos — Quem nos guarda dos guardas?

Não fosse a *Lanterna* um semanario dispondo de limitado espaço e teriam os leitores, diariamente, numa ameaçadora sequencia, a relação dos atentados cometidos contra a liberdade dos cidadãos por esse coio de delinquentes legais agora dirigido por Sampaio-Scarpia.

O caso Calvo foi bem um pano de amostra do que ia ser a sua obra policial.

As brutalidades cometidas com os operarios santistas foram tambem uma revelação.

E foi nessa cidade onde se desenrolou mais uma das costumeiras façanhas da quadrilha que lá opera sob a chefia de Bias, o Spoletta.

Como aqui anunciámos, deveria ter lugar naquela cidade, no dia 5 do corrente, um comicio de protesto contra as leis sceleradas da Argentina e do Brasil.

A Federação Operaria, conscia de que exercia um direito concedido pela lei basica do paiz, mandou tres dos seus associados levar a comunicação exigida por um estupido regulamento policial.

Santa boa fé!

Bias Bueno, o tal lacaio dos exploradores santistas, mandou imediatamente recolhe-los ao xadrez.

Eram esses operarios: Antonio Fornos, Adolfo Anta e José Garcia, que foram encontrar na prisão o seu companheiro José Martins, preso dias antes.

O que passaram esses honestos trabalhadores pelo *crime* de serem portadores de uma comunicação, é simplesmente revoltante.

Presos no dia 4 á noite, foram postos em liberdade: Antonio Fornos, no dia 7 e José Martins no dia 8. José Garcia e Adolfo Anta foram transportados do dia 5 para esta capital, onde, no dia 8, José Garcia foi posto em liberdade. Adolfo Anta daqui foi remetido para o Rio, onde ainda se encontra preso á espera da ordem de expulsão.

Durante os dias em que estiveram presos não lhes foi dado alimento algum, sendo obrigados a dormir no chão duro e imundo.

Com Adolfo Anta chegaram a praticar toda a sorte de brutalidades.

Não páram aí, porêm, as violencias de que foram vítimas os distintos moços. Spoletta não estava satisfeito e ordenou um assalto á sua residencia.

No domingo dois desses cancros ambulantes que se chamam secretas, um fuão Dantas, de Santos, e um tal Artur, de S. Paulo, invadiram a casa de Antonio Fornos e Adolfo Anta. Como vulgares salteadores e ladrões que agem á margem da lei, os bandidos arrombaram as malas dos dois trabalhadores, levando todos os livros, folhetos, revistas e objectos de estudos comprados com as economias feitas á custa de incalculaveis sacrificios!

Foi para cometer todas estas infamias que Spoletta esteve em Roma, de onde, depois de lamber o chulé do papa, trouxe a absolvição para todos os seus crimes.

Que bandidos!

***

Mais ainda tem feito a policia de S. Paulo.

Um matutino encheu durante dias colunas e colunas sobre os seus crimes, de um dos quais apenas podemos fazer uma ligeira menção.

Antonio Mattia, trabalhador conhecido, veiu a esta capital a negocios seus. Aqui teve um atrito de caracter associativo com uma mulher relacionada com um bacharel delegado, que lhe tomou as dores.

Antonio Mattia foi preso, transportado, por vezes, de um posto para outro, dormindo no chão, sem comer, e, depois de alguns dias posto em liberdade.

Dias após foi preso novamente. No posto de S. Caetano quizeram os soldados obriga-lo a comer o resto dos presos e, como ele protestasse, espancaram no horrivelmente. Recebeu ferimentos pela cabeça, pelos braços e pelo corpo. O braço esquerdo tem-no inutilizado.

Cometido o crime era preciso oculta-lo. Foi Mattia mandado como louco para o hospicio de Juquery, de onde saiu cinco dias depois num estado deploravel.

Em que época estamos?

Provavelmente sob o dominio de Scarpia ou de Torquemada.

Seção amena

Dois selvagens, tempos antes convertidos por um missionario, viram-se ás portas da morte, não se lembrando então das formalidades cristãs que deviam cumprir para «bem morrer e salvar a alma» e que o padre tanto lhes recomendara.

— Parece-me que no fim devemos rezar o padre-nosso, opinou um deles, rebuscando nas suas reminiscencias.

— Não, exclamou o outro, subitamente iluminado: no fim, era sempre o peditorio. Devemos fazer um peditorio...

*Uma destas noites perguntavam á gentil condessa papalina P.***:*

— Acredita no amor?

— Antes do meu casamento, acreditava, respondeu ela, languida e melancolica.

— Mas então agora?

— Agora... acredito nele como em Deus; disseram-me que ele existe, mas eu nunca o vi...

No colegio de freiras, entre outras coisas uteis que se ensinavam aos meninos, eles aprendiam a rezar.

Um pequeno, a quem ensinavam o Padre-Nosso, ao repetir a oração dominical, disse:

— «O pão nosso de cada dia nos dai hoje, com manteiga...»

— Isso não é o Padre-Nosso! interrompeu a freira.

— Mas pedir pão seco nem vale a pena. Basta o que eu ganho em casa.

Azeite para a "Lanterna"

Subscrição voluntaria em pról da *Lanterna*, conseguida pelo companheiro Candido Reis, de Santos:

João Figueira, 2$. Candido Reis, 1$. Benedicto Brandão, 1$. Helcis Cortez, 1$. Alipio Baptista, 2$. Basilio J. Becker, 1$. Albino Silva, 1$. Francisco Impastari, 1$. Manoel P. Monteiro, 2$. Luiz Stern, 2$. José Manoel da Silva, 1$. J. P. S. M., 1$. Olegario, 1$. Manoel N. R., 2$. M. A., 1$. Serafim Cordeiro, 1$. Claudino Dias, 1$. Abilio Vaz Colaço, 1$. J. R. Pain, $500 réis. Manoel Pereira, $500 réis. Paschoal Cyrilo, 1$. Lima, 1$. Camillo B. Boronat, 1$. Leonidas Cortez, 1$. Total, 28$000.

DIVERSÕES

Teatro Colombo — Com grande concorrencia foi exibida neste teatro a extraordinaria fita, em 12 partes, *Os Miseraveis*, extraída do notavel romance de Victor Hugo.

No espectaculo de hoje serão exibidas as ultimas novidades cinematograficas, das melhores fabricas estrangeiras.

Para amanhã, ás 2 horas da tarde, está anunciada uma magnifica *matinée*.

***

Jockey-Club — Sempre concorridas têm sido as funções sportivas no prado da Moóca.

Hoje haverá corridas com escolhidos pareos.

HERESIA

Ah! estes ladrões sagrados...
Victor Hugo.

Se Deus todo poderoso
E' como dizeis: bondoso,
Bom, magnanimo, clemente...
Dizei-me qual a razão
Porque mata — que irrisão! —
A's vezes tanto inocente!

Sim! dizei-me: na verdade
Se ele é um Deus de bondade,
Que possui alma sublime...
Eu não posso conceber
Que ele abuse do poder
E pratique tanto crime!

Esse Deus omnipotente
Como é então que consente
Desigualdades sem nome:
— Felizes e desgraçados,
Exploradores e explorados,
Uns com fartura, outros fome?!

Esse Deus inconcebivel
Que assiste sempre impassivel
A's guerras vis, fratricidas...
Sem sentir no coração
A minima compaixão
Ao sfacelar tantas vidas?

Eu bem sei, oh padre arteiro,
Que o teu Deus é o dinheiro,
— Embora o contrario ladres!
Deus! é mentira, é tolice,
Pois se acaso ele existisse
Tinha fulminado os padres!

Manuel Pereira Ramos.

Pelas publicações

Salud y Fuerza — Visitou-nos o n. 48 da importante revista *Salud y Fuerza*, publicação neo-maltusiana, cujo estudo interessa a todos e especialmente á classe operaria, aos proletarios.

O presente numero insere o seguinte sumario:

La Individualidad Femenina, por Manuel Devaldés. — *Paul Robin*, por G. Hardy. — *A Proposito de Paul Robin*, pelo doctor J. Rutgers. — *Neo-Maltusianismo*, por V. Garcia. — *El Congreso Eugénico*, por Edmond Potier. — *El Lapis Rojo.* — *Entusiasta Acogida.* — *Donativos.* — *Medicamentos recebidos* — *Periodicos, Folletos, Laminas, Libros.*

Esta publicação mensal, dedicada á divulgação da sexologia, filosofia e sciencia-medico-social, é enviada por subscrição, em serie de 12 numeros: 2 pesetas em Espanha e 2,50 para o estrangeiro. Endereço de sua administração: Provenza, 177, pral. 1ª. — Barcelona.

Dous livros de Paulo Mantegazza — A Casa Editora Mauci, de Barcelona acaba de publicar duas importantes obras de Paulo Mantegazza, ilustre medico e escritor italiano, tendo por titulos — *Higiene do Amor* e *Amor dos Homens*.

As produções deste sabio catedratico, de fama universal, têm como distintivo a clareza e a arte exquisita com que aborda os mais dificeis e interessantes temas relacionados com o amor, sob o ponto de vista biologico e social, contribuindo assim para o engrandecimento da sciencia com uma multidão de estudos, descobrimentos e teorias.

O rumor que se levantou em torno dos livros deste insigne autor, quando pela primeira vez viram a luz na Italia, foi desvanecido pela serena critica, e os adversarios de Mantegazza tiveram que sumir-se no silencio por não terem o valor de retratar-se.

Passada aquela ocasião, *O Amor dos Homens* e a *Higiene do Amor* foram, em seguida, traduzidos para outros idiomas, sendo acolhidos por novos leitores, favorecidos pelo exito; pois, para Mantegazza, todas os casuismos do pudor na arte e na sciencia se concretizam nesta afirmação: «Na arte, a beleza. Na sciencia, a verdade.»

O Amor dos Homens e a *Higiene do Amor* (2 tomos cada obra) são vendidos em todas as livrarias ao preço de *uma peseta* cada tomo.

Bilhetes e recados

Carmo da Paraida — F. H. dos S.: Recebemos a importancia de um semestre de sua assinatura. Saudações.

Santa Barbara — L P: Seguiu o folheto. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Registámos o assinante indicado, a quem escreveremos. Agradecidos pelos esforços empregados em favor da divulgação da *Lanterna* por esse sertão. Saudações.

Guaratinguetá — A. P.: Recebemos a importancia da medalha. Saudações.

Mato Grosso de Batatais — T. C.: Recebido o vale para pagamento das 5 assinaturas. Registados os dois novos assinantes. Agradecidos. Saudações.

Rio — L M. da S.: Recebemos os 1$000 para o folheto, que já seguiu. Saudações.

Rio — V. Fernandes: Foi feita a transferencia. Serão remetidos o livro e o jornal. Saudações.

Santos — L. G.: Recebida a tua de 18. Está bem. O jornal tem sido remetido ao N. Registámos o novo. Saudações de todos.

Dois Corregos — N. P.: Remetemos-lhe os livros e o recibo da assinatura. Saudações.

Sorocaba — J. J.: Sairá no proximo n. a noticia. Seguiu o pacote de folhetos. Saudações de todos.

Rio Negro — R. C. Junior: Recebemos os 12$. São para a assinatura? Saudações.

São Luiz — J. N. R.: Agradecidos pelo jornal enviado. Publicaremos o artigo. Saudações.

Rio — L.: Mandaremos a nota. Saude!

Forquilha — D. de M.: Recebido o vale de 24$, destinados para o azeite. Gratos pela dedicação á *Lanterna*. Saudações aos combatentes daí.

Rio — Jango: Conversaremos sobre as listas. Isso: confiar desconfiando sempre... Saudades de todos e a todos.

Passo Fundo — M. G. da S.: Com perseverança conseguirão dar uma nova orientação á citada sociedade, ainda refractaria ás modernas correntes proletarias. E' muito boa a iniciativa do grupo. O estatuto será remetido directamente do Rio. Saudações.

Nicteroi — A. J. Soares: Recebidos os 6$ de C. A. Oxalá todos fizessem outro tanto. Tomámos nota da sociedade indicada. Saudações.

Porto Alegre — O. C.: Em mãos a sua de 8. Que informações necessita mais? Mandará da forma que achar mais conveniente. Para esse fim não temos relação com casa alguma. Muito lhe agradecemos o valioso apoio prestado á nossa folha. Saudações.

Rio — Abranches: Recebida a tua que, em tudo, foi atendida. Saude!

Rio — Cecilio: Conversaremos. Saude!

PEDRO KRAPÓTKINE

OS BASTIDORES DAS GUERRAS

Brochura de 24 paginas
Edição da *Sementeira* de Lisboa
PREÇO: 100 RÉIS
A' venda nesta administração

E' um opusculo interessantissimo e de grande actualidade, no qual o ilustre autor se ocupa das principaes causas e factores das guerras modernas: desenvolvimento da grande industria capitalista, que produz para vender e exportar, não para o consumo; rivalidade industriais e comerciais; interesses da alta finança, das industrias militares e do exercito prefissional. Krapótkine faz por fim um quadro empolgante e documentado dos males da guerra, dos seus terriveis efeitos para os pobres: a carnificina, a epidemia, o retrocesso nas ideias, as profundas crises economicas, a desocupação, etc. E' enfim um estudo que é preciso ler.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Urugnayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Izabel, com o sr. Pedro B. Matera.

LES TEMPS NOUVEAUX
4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de crítica e sociologia de Lisboa.

Insere retratos e biografias de escritores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos puplicados) Wagner, Ema Goldman Tchernichousky, Rapisardi, Guyau.

Assinatura anual: 1$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150 A.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

EM PORTUGUÊS

Saturnino Barboza, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Raimundo Reis, *Breviario*, (Versos liricos)	3$000
Luiz Bulfi, *Greve de Ventre* . . .	$200
A. D. White, *Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia* . .	3$000
Reflexões (verdades para o povo)	$300
Almanaque d'«O Livre Pensador»	$800
Guilherme Dias, *O que é o Celibato*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Pedro de Melo, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Natanael Pereira, *A Educação religiosa*	$200
José Prat, *A burguezia e o Proletariado*	$300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)	$200
Enrico Malatesta, *A Anarquia*	$400
Chave do Esperanto	$100
Prito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere* . . .	$800
A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programa socialista anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* .	2$000
Otaviano Reinelt, *Um como não ha muitos*, (comedia de costumes nacionaes em 2 actos)	1$000
Carlos Dias, *Semeando para Colher*	$200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia* .	$200

EM ESPANHOL

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Paternal*	$100

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

La Lujuria del Clero, segun los concilios.
El Diablo, por Roberto Robert.
Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.
El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.
Monita Secreta de los Jesuitas.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
Dios, por Suñer y Capdevila.
Los Milagros, por Roberto Robert.
Lo que se comen los curas, por Frey Gerendio.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
La Papiza Juana, por Julio F. Mateo.
Sonetos Piadosos, por varios.

Obras da Escola Moderna de Barcelona

Cartilla, primer libro de lectura	1$000
Las Aventuras de Nono. Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume	1$800
El Niño y el Adolescente. Desarrolo normal — Vida libre. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume	1$800
Preludios de la lucha. Segundo libro por F. Pí y Arsuaga 1 volume	1$800
Sembrando Flores. Segundo libro por Federico Urales, 1 volume	1$800
Correspondencia Escolar (primer manuscrito) por Carlos Malato	1$800
Tierra libre. (Fantazia comunista) por Jean Grave, 1 volume	1$800
Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume . . .	1$800
Psicologia E'tnica importantissimo estudio científico-sociológico de la humanidad, 4 vol.	7$200

Todas as obras acima são encadernadas.

Pelo correio mais 300 réis por volume.

Nesta redacção ou com o agente Antonio Orelhana, Rua Alegria, 49 (Braz).

EM ITALIANO

Enrico Ferri, *Dal Microbio All'uomo*	$200
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . . .	$200

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine,	$300
L'Esprit de Révolte » . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
Elisée Reclus, *A mon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* .	$300
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme*	$300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *L'Esprit de Révolte* .	$200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage*	$200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* . .	$100
Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics*	$100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien*	$100
Les Temps Nouveaux, *Contre la Guerre*	$200

FOLHETIM DA LANTERNA (30)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

V

AMO E CRIADO

— Assim, reatemos a nossa conversa. Dizieis, meu amo, que estais loucamente enamorado da pequena Flor de Maio...

— E' um pecado mortal, bem sei...

— Ora! Conheço quem vos obterá indulgencia plenaria e remissão de todos os vossos pecados, meu amo. Amai, portanto, pois que se trata do bem da Igreja. Importa cavar um abismo entre essa joven e o homem com quem ela quer casar-se...

— O Cavaleiro de La Barre!...

— Convem que fique desonrada, manchada, para se tornar impossivel a união projectada, no caso de nos escapar o Cavaleiro... E essa missão é a vós que compete... E quanto antes. Atrevo-me a dar-vos alguns conselhos...

Neste momento abriu-se a porta e entrou um homem coberto de pó, com botas de montar e um chicote na mão.

— Ah! E' o querido conde de Belleval! exclamou Spavento.

— Eu mesmo! disse a voz dura do conde. Faze-me o favor de desaparecer. Tenho que falar a teu amo...

— Pronto, pronto!

O abôrto saltou ao chão e desapareceu rapidamente. De Belleval acercou-se de Gerfaut, imovel e como que estupefacto, e disse-lhe:

— Que tendes?

— Nada, disse o padre. Finalmente aqui estais, de Belleval. Quanta demora!

— Não tive culpa; as averiguações foram custosas. Mas finalmente conheço todos os pormenores da evasão, que se poderão comprovar com a presença do preso, apanhado sem duvida na hospedaria...

— Não! disse Gerfaut simplesmente.

— Como não? Mas Farnac afirmava que o ferira mortalmente! E os frades diziam que o tinham visto imovel numa cama!

— Pois quando chegamos ao *Rei da Boêmia*, já lá não estava.

— Impossivel!

— A estalagem foi revistada de alto a baixo.

— E que disse o estalajadeiro?

— Que o tinham levado dois malandrins, não sabia em que direcção.

De Belleval deixou-se cair numa cadeira, murmurando:

— Nesse caso, estou perdido. Conheço-o. E' capaz de tudo para se vingar.

— Não vos conhece.

— Sempre se vem a descobrir a verdade.

— Pois lutemos: somos os mais fortes.

— Em quanto esse homem estiver vivo e livre, não estou seguro. Dentro de três dias, hei-de saber onde se acoita o animal. Para começar vou a Francières interrogar os dois frades.

— Ia pedir-vos isso. Talvez a superiora vos dê um recado para mim...

— Se der, amanhã o tereis.

— Amanhã só?...

— Antes, será dificil.

— Bom. Aqui vos esperarei amanhã cedo. Correi o mais possivel.

— Está nisso o meu interesse.

De Belleval saiu e poucos instantes depois o padre ouviu ressoar nas pedras da rua o galope de um cavalo.

VII

O INSTINTO

Quando estocada e Cabeça de Ferro sairam do castelo de Francières a cavalo, Grift, o cão do Cavaleiro, aproveitou a abertura da cancela para partir como uma seta, apesar dos chamamentos repetidos de João.

Os dois aventureiros, porêm, não tinham reparado na fuga do cão. A ideia de Estocada era ir a Abbeville em busca dos frades, para os fazer falar. A uns mil passos de Francières, ao passarem diante duma cabana, viram então o cão, que escoltava uma freira carmelita, com manifestações estranhas.

— Aquele é o cão do Cavaleiro, disse Cabeça de Ferro.

— E', sim. Ladra, chora, dá voltas áquela freira como se a conhecesse...

Com efeito, o animal cheirava o habito da religiosa, lambia-lhe as mãos, parecia interroga-la, implorar-lhe o que quer que fosse. De repente, desatou a correr para a frente. Os dois amigos, lançando os cavalos a galope, encontraram em breve Grift parado á porta do convento, ladrando furiosamente.

A irmã rodeira, atraida pelos latidos, entreabriu a porta e o cão precipitou-se para o interior, mas teve de parar diante duma cancela que vedava a entrada do jardim. Estocada observava de fora e a irmã rodeira, assustada, não se movia, gritando:

— Socorro! D. Mafio!... Reverendos! Frei Oremus! Socorro!

Estocada, que se lembrava vagamente de já ter ouvido aqueles nomes, exclamou:

— Fazeis bem em pedir socorro, irmã. Esse cão parece-me muito perigoso. Mas não há um homem nessa casa?

— Estão ali no jardim dois frades, que ainda teem mais medo do que eu. Por favor, senhor, fazei sair este animal! Parece danado! Frei Oremus, D. Mafio, socorro! Não sois homens?

— Vejamos, vejamos, disse dentro uma voz.

— Não vos aproximeis muito, D. Mafio, disse outra.

E os dois frades apareceram, avançando cautelosamente.

— Eles! murmurou Estocada. Pelo demonio! Que farão neste convento de monjas?

— Esperai, irmã, exclamou D. Mafio.

Foi buscar uma pá e um ancinho, dando a primeira a frei Oremus. Os frades, a medo, vibravam pancadas através da grade, mas sempre em vão.

— Estes imbecis são capazes de alcançar o animal, apesar de tudo, murmurou Estocada.

E apeou-se, penetrando no pateo e puxando para fora o cão pela coleira. A portaria fechou-se e o gascão atou uma corda á coleira do dinamarquez, montou a cavalo e partiu em direcção ao castelo.

— Que fazes? perguntou Cabeça de Ferro. Voltamos para trás?

— Sim, mas tornaremos logo.

Ao passarem de novo pela freira antes encontrada, o cão quiz lançar-se outra vez, sendo preciso retê-lo com energia. Em frente da cabana, Estocada parou, dizendo ao companheiro:

— Vais voltar ao castelo.

— Para que?

— Para levar o cão e dizer aqueles senhores que estamos numa boa pista.

— Ah! Parece-te que estamos numa boa pista?

— Decerto. Volta depois a galope. Espero-te aqui.

O flamengo partiu e o gascão apeou-se, murmurando:

— Se não erro, a freira saiu desta cabana. Vamos ver quem aqui mora...

Atou o cavalo a um álamo e bateu á porta da choupana, que um homem entreabriu com precaução.

— Que desejais?

— Falar um momento convosco, amigo.

O homem remirou desconfiado o cavaleiro, sem se mostrar disposto a dar-lhe entrada.

— Que quereis saber?

— Que diabo! deixai-me primeiro entrar, se desejais ganhar este lindo escudo...

Germano estremeceu. Hesitou, mas a necessidade decidiu o.

— Entrai, disse ele com mais suavidade.

Estocada entrou, confrangendo-se-lhe o coração ante aquela miseria. Tirou o chapéu e cumprimentou a mulher.

— Procuro o meu acolhimento, disse Germano. Somos tam pobres...

— Aqui tendes, interrompeu o gascão, estendendo o escudo.

— Ainda não o ganhei!

— Não faz mal.

O homem apoderou-se avidamente da moeda de prata e a mulher beijou o filho na fronte, radiante com aquela boa dadiva.

— Desejo apenas, prosseguiu o gascão, que me respondais a algumas perguntas, não sendo meu intento causar dano a vós ou a qualquer outro.

— Falai, senhor...

— Quem é a freira que daqui saiu?

Germano e a mulher entreolharam-se receosos.

— Podeis falar sem temor.

— E' sóror Santa Madalena, do convento de Francières, disse Germana hesitante.

— Bom; fico na mesma. Há muito que a conheceis?

— Não; é a terceira vez que aqui vem. Boa alma! Sem ela, teriamos morrido de fome...

— Não sabeis se ela alguma vez lidou com o Cavaleiro de La Barre?

— Não conhecemos esse nome, disse Germano, num tom sincero.

O gascão agradeceu e saiu desapontado, montando a cavalo e indo ao encontro de Cabeça de Ferro, que não tardou a aparecer.

Voltaram a Francières, examinando as proximidades do convento.

— Vamos a Abbeville?

— Não, disse Estocada preocupado.

— Eu pensava, porêm...

— Mudei de ideia.

— E então que vamos fazer?

— Passear... até á noite.

— Não compreendo, desta vez.

— Depois compreenderás. Não é aliás essencial que compreendas.

— Lá isso é verdade...

VIII

O POMBAL

Como dissera Estocada, os dois aventureiros passearam até ao anoitecer, passando porêm as ultimas duas horas fora da povoação, a jogar os dados numa estalagem, onde acabaram por cear.

Finda a ceia, puseram-se a caminho e uma hora depois apeavam-se diante duma casa rustica, quasi contigua ao convento das carmelitas. Estocada bateu á porta; mas,